MINISTÉRIO DA CULTURA apresenta:

O BRASIL DE Tarsila

CADERNO EDUCATIVO

Quantos lugares cabem na mala de uma artista?

Olá, viajante, me chamo Tarsila, e a partir de agora vamos começar uma viagem pela minha vida e obra! Ao conhecer um pouco da minha trajetória, vocês também irão conhecer um pouco sobre a história da arte desse período, em que muitas mudanças aconteceram. Vai ser uma viagem fascinante, pegue sua mala e vamos lá!

Eu nasci no dia 1º de setembro de 1886, em Capivari, no interior de São Paulo. Há exatos 140 anos, imagina? Minha família tinha fazendas, então passei boa parte da minha infância perto da natureza e dos bichos.

Mas meus pais queriam que eu tivesse uma boa educação, então me mandaram para a capital estudar. Ainda adolescente, dei continuidade aos meus estudos na Espanha. Foi lá que fiz meu primeiro quadro, aos 18 anos.

Quando voltei para o Brasil, me casei e tive uma filha, a Dulce. Algum tempo depois, me separei e foi aí que comecei a me dedicar melhor à arte. Foi assim que eu conheci a Anita Malfatti, já ouviram falar dela?

Eu e Anita nos correspondíamos muito nessa época. Eu, de Paris, recebia suas cartas contando em detalhes sobre a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922, em São Paulo. Foi um ponto de partida importante para transformar a maneira como nós, artistas daquela época, fazíamos arte.

Por isso, fiquei animada para voltar ao Brasil. Minha amiga Anita me apresentou a artistas modernistas, como o Oswald de Andrade, com quem comecei um relacionamento. Logo, formamos o Grupo dos Cinco, ao lado de Mário de Andrade e Menotti Del Picchia. Juntos, movimentávamos a vida cultural de São Paulo.



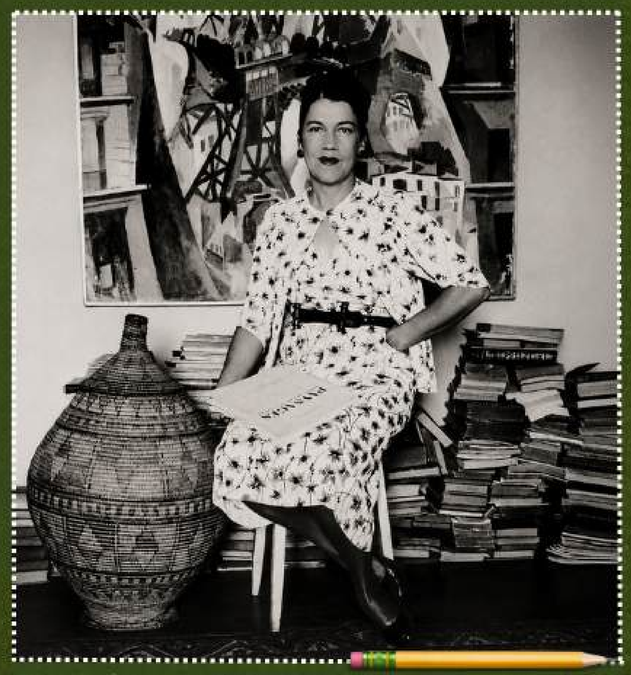


Figura anônima, Tarsila do Amaral em seu apartamento, diante de um quadro de Robert Delaunay (A Torre Eiffel, 1911), final da década de 1930, prova em gelatina de prata, Rio de Janeiro, coleção Pedro Corrêa do Lago.



E assim comecei a conhecer gente muito importante do mundo das artes, nomes de que vocês já devem ter ouvido falar como Di Cavalcanti, Picasso e Villa-Lobos. Em Paris, eu gostava de oferecer almoços bem brasileiros no meu ateliê para essa turma. Adorava servir feijoada com caipirinha.

Certa vez preparei um jantar especial para Santos Dumont, sim, ele mesmo, o inventor do avião! A ocasião pedia uma roupa igualmente especial, então escolhi um casaco vermelho, com a gola redonda e volumosa, que chamou a atenção de todos por sua beleza e elegância. Me senti tão bem com aquela roupa que isso me inspirou a pintar meu autorretrato mais famoso, "Manteau Rouge", em 1923. o título significa "Casaco Vermelho" em francês.

Nesta obra, escolhi destacar o vermelho da minha roupa e do meu batom, uma escolha ousada para a época. Nós, mulheres, éramos muitas vezes retratadas como musas, mas raramente ocupávamos o lugar de quem pintava a obra. Por isso, a exuberância do vestido, o decote e o batom eram uma forma de provocar e romper com os modos tradicionais de representar uma mulher.

Obra no verso : **"Manteau Rouge"**
Ano: 1923 | Técnica: Óleo sobre tela | Medidas originais: 73 cm x 60 cm | Coleção: Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)







SELO

.....

.....

.....

.....

.....


TARSILA

Mas foi ao voltar para o Brasil, mais especificamente para Minas Gerais, que houve uma virada importante na minha forma de fazer arte. Cresci na fazenda e sempre adorei as cores da roça. E foram essas mesmas cores que reencontrei em Minas: o azul forte, o rosa, o verde, o amarelo vivo... Só que, quando eu estava estudando arte, meus professores diziam que essas cores eram "caipiras" e que eu não deveria usá-las. Mas eu pensei: "Ah é? Então agora eu vou usar mesmo!" Quero, na arte, ser a "caipirinha de São Bernardo", brincando com bonecas de mato.

E foi isso que fiz. Essas cores que eu gostava desde criança acabaram virando uma das marcas da minha pintura. Eu também comecei a colocar cada vez mais coisas que tinham a ver com o Brasil nos meus quadros: paisagens, cidades, fazendas, animais, plantas, festas, histórias e pessoas. Eu queria mostrar um Brasil que fosse reconhecido na minha pintura. Tanto que eu dizia que queria ser "a pintora do Brasil".

Eu misturei essas ideias com o que eu aprendi na Europa. Por isso, essa fase da minha pintura ficou conhecida como Pau-Brasil. Pintei obras como "Carnaval em Madureira", "Morro da Favela", "O Mamoeiro" e "O Pescador".

Obra no verso: **"Morro de favela"**
Ano: 1924 | Técnica: Óleo sobre tela | Medidas originais: 64 cm x 76 cm | Coleção: Particular





SELO

.....

.....

.....

.....

.....

[redacted]



Eu tinha muita admiração por Oswald e então decidi lhe dar um presente especial. Um dia, ao me olhar no espelho sentada, notei uma proporção engraçada: meu pé à frente ficou grande em relação à minha cabeça, que parecia tão pequenininha. Fiquei tão intrigada com essa imagem que me inspirou a pintar. Quando Oswald viu, ficou impressionado. Disse que era o melhor quadro que eu já havia feito até então.

Meu pai tinha um dicionário tupi-guarani que usei para pensar no título. Escolhemos as palavras abá, que significa homem, e poru, que quer dizer "que come gente", formando a palavra Abaporu, "homem que come gente".

Vocês não imaginam a revolução que esse quadro causou! Ele acabou inspirando a ideia central do Movimento Modernista. Mas calma: eles não queriam comer pessoas! Quando falavam em antropofagia, eles estavam usando essa ideia como uma metáfora.

A proposta era pegar tudo que vinha da Europa, que era a grande referência do mundo naquela época e, em vez de só copiar, transformar essa influência em algo bem brasileiro.

Foi daí que surgiu o Movimento Antropofágico, e Oswald escreveu o famoso "Manifesto Antropofágico". Tupi, or not tupi, that is the question.

SELO

.....

.....

.....

.....

.....

Obra no verso: **"Abaporu"**
Ano: 1928 | Técnica: Óleo sobre tela | Medidas originais: 85 cm x 73 cm | Coleção: Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (Malba)



Eu continuei usando as cores fortes pelas quais tanto me apaixonei, mas comecei a criar paisagens imaginárias com figuras que pareciam sair de um sonho. Algumas obras dessa fase são "O Sol Poente", "A Lua" e "Antropofagia". Esses quadros estão representados aqui nesta exposição. Você já os viu por aí?

Eu estava em um bom momento e, em 1929, fiz a minha primeira exposição individual! Uma mostra só minha, imagina? Mas essa alegria durou pouco. Esse foi um ano muito difícil para mim e para o mundo. Com a crise da Bolsa de Nova York, meu pai perdeu muito dinheiro e as fazendas; iniciou-se uma ditadura no Brasil e, para piorar, me separei do Oswald.

Por isso, no ano seguinte, faço uma obra diferente, chamada "Composição (Figura Só)". Nesta exposição tem uma sala dedicada a ela. Te convido a entrar nela e conhecer um pouco do que acontecia comigo. Tente imaginar o que eu estava sentindo: a tristeza, o coração partido e a incerteza com o futuro.

Obra no verso: **"(Composição) Figura só"**
Ano: 1930 | Técnica: Óleo sobre tela | Medidas originais: 85 cm x 129 cm | Coleção: Comodato MASP - Ronaldo Cezar Coelho







SELO

.....

.....

.....

.....

.....

■■ ■■■ ... ■■■



Mas como eu sou brasileira e não desisto de ser feliz, em 1931 comecei a namorar um médico comunista. Então, com ele, faço uma viagem para a União Soviética, onde expus meus trabalhos em Moscou.

Lá, pude conhecer de perto a luta dos trabalhadores e fiquei muito sensibilizada com o que vi. Quando voltei ao Brasil, comecei a participar de reuniões do Partido Comunista Brasileiro e acabei sendo presa durante um mês. Depois disso, terminei meu relacionamento e não voltei a me envolver com política. Mas essa experiência mudou minha pintura.

Em 1933, pintei "Operários", uma obra muito importante, porque trouxe para a minha arte um tema novo: os trabalhadores.

Depois de tudo isso, acho que vocês já perceberam que minha história foi marcada por viagens e isso foi transformando meu jeito de fazer arte. Foi assim que construí minha própria identidade artística, conhecendo o mundo, mas sempre levando o Brasil comigo.

Gostou da viagem? Agora quero deixar uma pergunta antropofágica para você: depois de tudo o que viu, o que você levaria dessa viagem para transformar em algo só seu?

Até breve e um outro sorriso de Tarsila

Obra no verso: **"Operários"**
Ano: 1933 | Técnica: Óleo sobre tela | Medidas originais: 150 cm x 230 cm | Palácio dos Bandeirantes (São Paulo, SP)

SELO

.....

.....

.....

.....

.....

.....

CRÉDITOS

AÇÃO EDUCATIVA

Produção Executiva
Débora Ramos Cavaleri
Natália Meyer Machado

Consultoria Pedagógica
Aka Projetos Culturais

Orientação Pedagógica
Karen Montija
Gabriel Victal
Gabriela da Fonseca

Supervisão
Dariane Ferreira de Lima

Educadores
Adelaide Maria de Estorvo Alencar da Silva
Andrea Almeida Massarotto
Charlie Cardoso Curado
Maíra do Amaral Silva
Marion Franzini Chatton
Rosiane Vilas Boas Bomfim
Ruana Negri Crusca
Kim Zambelli Terra

Intérpretes de Libras
Laís Rocha
Vitória Oliveira

Agendamento
Agendarte

Vídeo Educacional
Carlos Baus

CADERNO EDUCATIVO

Pesquisa e Redação
Adriana Xerez

Revisão
Lídia Orphão
Paola do Amaral Montenegro
Juliana Miraldi

Produção Gráfica
Gabriela da Fonseca

Projeto Gráfico
Erika Monteiro

EXPOSIÇÃO

Idealização
Tarsila do Amaral Licenciamento e Empreendimentos S/A







Direção-Geral
João Giani Vasconcellos

Realização
Agência LIVEIDEA
Deeplab Project
Aventura

Coprodução
Felipe Reif
Aniela Jordan
Giulia Jordan
Luiz Calainho

Curadoria
Paola do Amaral Montenegro
Juliana Miraldi

Coordenação de Projeto
Sebastian Folledo
Pedro Biondi

Produção Executiva
Glaucia Pardal

Criação e Produção Cenográfica
Caselúdico

Criação e Produção Audiovisual
ARKx
Estúdio Like



Lei Rouanet

PATROCÍNIO MASTER

EMS

TotalEnergies

APOIO

alelo

IRB(Re)

BNY

APOIO INSTITUCIONAL

PREFEITURA DE SÃO PAULO

MÍDIA OFICIAL

JCDecaux

30 ANOS uol

AÇÃO EDUCATIVA

aka

APRESENTADO POR

AVENTURA

LIVEIDEA

DEEPLAB

ARKX

IDEALIZAÇÃO

Tarsila Licenciamento e Empreendimentos S/A

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA CULTURA